

# O anticlericalismo e a luta feminina anarquista: *La Voz de la Mujer* como estudo de caso (Buenos Aires, 1896-1897)

*El anticlericalismo y la lucha femenina anarquista: “La Voz de la Mujer” como estudio de caso (Buenos Aires, 1896-1897)*

*Ingrid Souza Ladeira de Souza*

Mestranda em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. (PPGH/UNIRIO). Bolsista Mestrado Nota 10 FAPERJ. Membro do Grupo de Estudos Libertários. (GEL/UNIRIO).  
E-mail: [ingridladeira@yahoo.com.br](mailto:ingridladeira@yahoo.com.br)

---

**Resumo:** Este texto é parte da pesquisa de mestrado que vem sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em História da UNIRIO e que tem como proposta apresentar as origens do anticlericalismo no mundo e nas Américas e utilizar o periódico *La Voz de la Mujer* como estudo de caso, apresentando seus principais artigos sobre o tema e as críticas feitas pelas mulheres anarquistas à instituição Igreja. O periódico *La Voz de la Mujer* circulou em Buenos Aires entre os anos de 1896 e 1897, sendo esse o recorte espaço-temporal do texto. Os artigos que apresentam traços do anticlericalismo no periódico fazem parte de uma série de textos contestatórios que tinham por objetivo final o levante feminino em busca de sua própria emancipação.

**Palavras-chave:** Anticlericalismo. Mulheres. Argentina.

**Resumen:** Este texto es parte de la investigación de maestría que viene siendo desarrollada en Programa de Postgrado en Historia de UNIRIO y que tiene como propuesta presentar los orígenes del anticlericalismo en el mundo y en las Américas y utilizar el *La Voz de la Mujer* como estudio de caso, presentando sus principales artículos sobre el tema y las críticas de las mujeres anarquistas a la institución Iglesia. El periódico *La Voz de la Mujer* circuló en Buenos Aires entre los años 1896 y 1897, que es el recorte espacio-temporal del texto. Los artículos que presentan rasgos del anticlericalismo en el periódico forman parte de una serie de textos contestatarios que tenían por objetivo final el levantamiento femenino en busca de su propia emancipación.

**Palabras clave:** Anticlericalismo. Las mujeres. Argentina.

---

## 1 Introdução

O anarquismo vê a Igreja como parte da rede de exploração e opressão encabeçada pelo Estado e associada ao Capital, cujo objetivo era a repressão e a dominação das consciências femininas e masculinas. O objetivo de sua luta anticlerical era desmobilizar e desmoralizar o clero, o que significava criticar a moral burguesa que defendia a família, regulamentada pelo casamento civil e disciplinada pelo enlace religioso.

Negar Deus era negar a Igreja, era defender a autonomia da mulher no que se refere à escolha do companheiro e das práticas da sexualidade, optando ou não pela maternidade. Nessa perspectiva, o texto privilegia o combate que as articulistas do periódico *La Voz de la Mujer* empreenderam contra a tradição religiosa e o domínio das consciências exercidas pela Igreja. O periódico divulga contos que pretendiam desmoralizar a Igreja e seus agentes, alertando as mulheres sobre os perigos da religião, que nelas provocava completa ignorância e alienação.

A defesa do anticlericalismo faz parte do projeto social e revolucionário do periódico, deter a dominação das mentes implicava em seguir um caminho diferente da sociedade burguesa. Dominar as mentes fazia parte de um plano de sustentação da opressão contra as mulheres e contra os mais desfavorecidos, justamente os grupos sociais responsáveis pelo enriquecimento dos burgueses.

## 2 Breve perfil do periódico “La Voz de la Mujer”

O periódico *La Voz de la Mujer* surgiu com uma proposta social diferente dos demais periódicos que compunham o cenário da imprensa argentina na época, no que se refere tanto à grande imprensa quanto à imprensa operária. Embora outros periódicos trouxessem a questão da mulher para suas pautas, discutindo a situação social da mulher na época, o *La Voz de la Mujer* priorizava a mulher, ou seja, era um jornal redigido e organizado por mulheres e voltado para as mulheres. Todas as pautas do jornal estavam direcionadas para o processo de conscientização da mulher que, segundo as articulistas, nesse percurso, deixaria de ser apenas uma mulher e se transformaria na mulher libertária, disposta a lutar por sua emancipação.

O *La Voz de la Mujer* entrou em circulação no dia 08 de janeiro de 1896, quando lançou seu primeiro exemplar e encerrou suas atividades no dia 01 de janeiro de 1897. Foram nove exemplares, sendo o último exemplar (número 9) que se tem conhecimento publicado em 01 de janeiro de 1897. Há evidências que indicam que o exemplar de número nove não foi o último a circular. Segundo Juan Suriano, no livro *Anarquista: cultura y política libertaria en Buenos Aires, 1890-1910* (2001), foram publicados dez exemplares, entretanto, o autor não indica a fonte da informação.

O projeto editor e administrativo ficou, inicialmente, por conta de Josefa M. R. Martinez, cuja confirmação da participação como redatora foi anunciada pelo periódico *El Perseguido* antes do lançamento oficial do *La Voz de la Mujer*. Uma pequena nota dizia:

se nos comunica la aparición de un nuevo periódico anarquista que llevará por título “La Voz de la Mujer” ¡Adelante compañeras!”

Su dirección es:

Calle Bolivar, 670. (*El Perseguido*, 8 dez. 1895, p. 4).

O nome de Josefa Calvo também aparece como uma das redadoras do periódico. Pepita Gherra (Guerra) também produziu sistematicamente conteúdos para a publicação, assumindo quase que toda autoria do jornal a partir do exemplar de número sete, sendo identificada como uma das redadoras. No seu corpo de

colaboradoras(es), aparecem uma série de nomes que, possivelmente, são pseudônimos: Carmem Lareva, Milna Nohemi, Luisa Violeta, Esther Buscaglia, Soledad Gustavo, Maria Muñoz, Rosario de Acuña são algumas das colaboradoras. Abreviaturas indicando letras iniciais de alguns nomes como J.C. e M. também aparecem assinando artigos. “Nomes de luta” femininos como Una Stritatrice (Uma Passadeira) também são relacionados como colaboradoras(es).

Nesse quadro de colaboradoras(es), apenas um nome masculino surge, primeiro como Tulio El Burgués e depois como E. Heine. Trata-se do pseudônimo do poeta alemão Enrique Heine (Heinrich Heine), o qual foi uma das personalidades mais contraditórias do século XIX, cuja corrente literária seguida era o romantismo.

As libertárias foram influenciadas pelos pensamentos de Kropotkin, em sua ficha técnica o periódico se autointitula comunista-anárquico. Essa corrente foi sistematizada por Kropotkin em sua obra, destacando-se o livro *A Conquista do Pão*. O libertário italiano Errico Malatesta também foi um teórico e propagador importante da corrente.

A tiragem do periódico variava entre 1.000 e 2.000 exemplares, sendo que os quatro primeiros números tiveram uma tiragem de 1.000 exemplares. Para um periódico anarquista e feminino, sua tiragem pode ser considerada extremamente significativa. Sabe-se muito pouco sobre sua forma de distribuição, porém o jornal era enviado para grupos libertários parceiros para ser distribuído para militantes que enviavam cartas solicitando remessas e distribuídos pelas próprias redatoras em portas de oficinas, de fábricas.

O periódico teve sua periodicidade irregular, alternando muito entre os números. Esses hiatos entre as publicações já eram esperados, o próprio periódico anunciava em sua ficha técnica, localizada abaixo do título do periódico, “Aparece cuando puede.”. As formas de financiamento da folha funcionavam por meio de subscrição voluntária das companheiras e dos companheiros simpatizantes com as ideias do periódico. Logo no cabeçalho, o jornal informava à leitora e ao leitor sobre esse modelo de financiamento “por suscripción voluntaria”.

O lançamento do jornal *La Voz de la Mujer* realizava o desejo das redatoras de representar a voz feminina, mostrando para outras mulheres que elas não estavam sozinhas e que, por meio do periódico, teriam uma voz de resistência contra o que as redatoras consideravam uma vida degradante e explorada.

### ***3 As origens do anticlericalismo***

De origem francesa, o termo anticlerical surgiu pela primeira vez por volta de 1850, sendo apropriado por grupos extremamente heterogêneos. A própria palavra esteve associada a diversos sentidos como: blasfematório, marxista, revolucionário, pornográfico, jurídico, comunista, popular, terrorista, estatal, literário, maçônico, ideológico, anarquista. Antes de se estabelecer na América como um todo, já era uma palavra utilizada por grupos de extrema-direita e de esquerda na Europa. O anticlericalismo seria a ruptura desses grupos heterogêneos como toda estrutura eclesiástica e símbolos que poderiam representar a Igreja (VALLADARES, 2000; SANTOS, 2014).

No decorrer das décadas dos séculos XVIII e XIX, os beatos, padres e madres tiveram uma mudança em sua identidade religiosa, que se concretizou pela estagnação de uma figura idealizada de sujeito, inclusive no campo literário. Segundo Cristian Santos (2014), a introdução da racionalidade como forma para o progresso dos povos ou até mesmo a defesa do conhecimento racional como modo para vencer preconceitos e ideologias políticas tradicionais reduziu a atuação da religião, provocando aversão à instituição clerical.

A relação entre Igreja e Estado, já no início do século XVIII e ao longo do século XIX, começa a ser tornar insustentável. Novos projetos políticos começam a surgir sem contemplar as ideias do clero e estabelecem uma separação entre os dois poderes. Assim, a Igreja vai deixando de interferir nas escolhas estatais e nas indicações para cargos de poder do Estado.

Após o surgimento e a consolidação do anticlericalismo no seio de determinados grupos sociais e políticos, todas as decisões da Igreja eram vistas como algo negativo e as atitudes de padres, bispos, cardeais e até mesmo do Santo Papa passam a ser vistas como antigas, arrogantes e incapazes de abranger um discurso mais racionalista. Até mesmo o Papa, “com seu séquito, bulas e solenidades, é encarado como a encarnação de um passado triste e insepulto” (SANTOS 2014, p. 51).

[...] o discurso anticlerical vai se delineando: por um lado, um anticlericalismo nascido de dentro, disposto a restabelecer o estado primitivo das coisas, cortando na própria carne tudo o que se distanciava da proposta evangélica. Esse movimento brotaria de uma aspiração reformista e seus agentes estão ideologicamente comprometidos com o discurso cristão. Trata-se, portanto, de um anticlericalismo nascido na Igreja e dirigido a ela. Por outro lado, há uma profusão de movimentos engendrados a partir de uma concepção restritiva à Igreja, contemplada como entidade hegemônica e anacrônica. Tudo o que provém de seu seio é recebido com suspeição. As decisões emanadas de Roma parecem arrogantes e antiquadas, incapazes de acompanhar o espírito modernista que vai se firmando. [...] (SANTOS, 2014, p. 51).

Caro Baroja, em sua obra *Introducción a una Historia Contemporânea del Anticlericalismo Español* (1980), identifica três momentos do anticlericalismo na história do Ocidente. Entre os três momentos, o segundo contempla a ideia da negatividade que vinha sendo atribuída, por parte da sociedade, aos membros da Igreja; ao comportamento de padres, bispos que se desviavam da conduta religiosa adotada por eles mesmos no ato de entrar na escola seminarista. Essa negatividade foi redirecionada à instituição Igreja, sendo os desvios de conduta um reflexo da infidelidade de seus membros a Deus, fazendo da instituição a responsável por essas atitudes.

As mais variadas manifestações anticlericais, no decorrer da História, tenderam a provocar movimentos de mudanças, construindo novos sentidos e rompendo com uma importante instituição da sociedade.

[...] diversas e distintas manifestações anticlericais [...] constituíram-se em fenômenos deflagradores de mudanças, trazendo em seu bojo uma

intencionalidade marcante de construir novos significados, o que, evidentemente, pressupunha romper, em maior ou menor grau, com a concepção discursiva de instituições e pessoas formadores de opinião. [...] (SANTOS, 2014, p. 53).

A partir de determinado momento, as mais diferentes correntes de pensamento encontram-se em dois campos opostos: clericais e anticlericais. Cada uma das duas frentes propagará diversos motivos para comprovar a sua verdade e reafirmar suas ideias no plano religioso ou social, “ambas as malhas axiológicas são tecidas a partir da oposição de 46 atributos, desfiados num discurso antiético: luz e trevas, liberdade e escravidão, modernidade e tradição” (SANTOS, 2014, p. 58).

As acusações de que os anticlericalistas eram ateus foram encaradas como uma estratégia de desconfigurar o discurso do opositor. Mas ser anticlerical não significava ser ateu, embora o ateísmo fosse uma possibilidade do anticlericalismo.

[...] declarar alguém ateu é negar validade as suas proposições, é fazê-lo inimigo da sociedade que, mesmo em crises profundas, ainda se reconhece como cristã. O grande desafio dos modernistas é opor-se ao pensamento clerical da época sem se apresentarem como inimigos da fé. [...] (SANTOS, 2014, p. 60).

Em alguns grupos, as representações do movimento anticlerical são configuradas a partir da resignificação de elementos que são parte do clericalismo. As primeiras manifestações do anticlericalismo por grupos de esquerda, por exemplo, se deram no plano estético. Imagens e caricaturas colocaram um olhar de deboche sob os membros do clero, a fim de ridicularizar e de expressar seu repúdio sobre a instituição e seus componentes.

O anticlericalismo, em suas diversas facetas, foi também muito forte dentro do movimento anarquista, tanto na Europa como na América, destacando-se os exemplos da Argentina e do Brasil. No Brasil, destacamos o periódico *A Lanterna*. Em sua primeira fase, foi fundado por livres pensadores e, depois, um grupo anarquista assumiu a edição. Sua fundação foi no ano de 1901, na cidade de São Paulo, sendo um instrumento de combate anticlerical. Existiu, também, no Brasil, uma Liga Anticlerical.

O anticlericalismo libertário constitui-se em um movimento político militante, reunindo uma gama de manifestações contra a instituição Igreja e seus membros. Tais manifestações incluíam críticas ácidas explícitas e diretas, por meio de artigos em periódicos, poemas, contos, caricaturas, charges e desenhos temáticos em que padres eram representados por homens obesos e depravados e madres como mulheres imorais e pervertidas.

#### ***4 O anticlericalismo nas páginas do periódico “La Voz de la Mujer”: assédio, crítica e protesto***

O movimento anticlerical que esteve presente no periódico *La Voz de la Mujer* se resumia em uma luta constante contra os padres, contra a Igreja, contra a agregação da Igreja com o capital, contra a falta de liberdade individual de todas as mulheres e homens, contra a hipocrisia dos representantes religiosos. A própria ideia de Deus,

para os anarquistas, implicava a anulação da liberdade humana, já que instituía um sistema de relações hierarquizadas entre Criados e criatura (BAKUNIN, 1988). O próprio lema do jornal inclui *Ni Dios*, negando, assim, Deus e a sua instituição representante na terra, a Igreja.

O primeiro texto sobre o tema aparece no terceiro exemplar do *La Voz de la Mujer*, embora muitos artigos tragam a questão da dominação clerical como um dos braços do sistema capitalista, conseqüentemente, da opressão humana. Publicado no dia 20 de fevereiro de 1896, o artigo *Histórico (Colaboración): En el confesionario. El padre confesor y una niña de 15 años* descreve, em princípio, um diálogo entre uma menina e um padre. Inicialmente, a conversa acontece no confessionário, onde o padre assedia a menina sexualmente. Em um segundo momento, o artigo faz uma reflexão sobre o papel da religião na vida das famílias e das mulheres/meninas, enumerando os pontos negativos.

No início do diálogo com o clérigo, a menina de 15 anos afirma que sua mãe está enferma; razão pela qual a jovem tem faltado às missas: “—Padre; mi madre estaba enferma, sin ninguno que la cuidase, y yo no podía abandonarla” (*La Voz de la Mujer*, 20 fev. 1896, p. 75). Se para uma menina religiosa isso parecia ser um “pecado” comum, para o clérigo não o foi. Utilizando-se de seu poder de superior, repreendeu à menina: “— Pero desgraciada, no sabéis que primero es el alma y después el cuerpo, pero continuad” (*La voz de la Mujer*, 20 fev. 1896, p. 75).

Esse diálogo doutrinal estava permeado pelo medo da menina em relação a uma possível punição divina, já o padre demonstrava sentimentos de ódio e rancor pelo não comparecimento da jovem às missas. Os diálogos doutriniais, geralmente, podem ser caracterizados pelo recurso de uma linguagem popular aliada com a ironia, o objetivo era atrair o público receptor na crítica às instituições que davam base à ordem estabelecida (MARTINS; SOUZA, 2015).

Na sequência da narrativa confessional, o padre pressiona a menina a dizer quais outros pecados ela estava guardando. A jovem, então, entra em um assunto pouco convencional para uma confissão o qual envolve uma situação íntima, demonstrando na conversa que a adolescente se sentiu constrangida ao confessar que se masturbava. Nessa parte do diálogo doutrinal, a confissão se torna, na verdade, um interrogatório “inquisitorial”, com a pressão do clérigo sobre a jovem constrangida.

- [...] — Padre, además hace algunas noches que al acostarme...
- Yo veo que os falta el coraje, pero para ser más fácil la confesión os interrogaré. ¿Cuando os desnudáis no tocáis com vuestros dedos ciertas partes del cuerpo?
- Sí padre (Se pone colorada).
- ¿Y encontráis placer en hacer eso?
- Y decidme, ¿en qué parte del cuerpo tocáis con vuestros dedos?
- ¡Padre!...
- Hija mía, me lo tenéis que contar todo si no no os doy la absolución. ¿Os tocáis acaso en el cuello?
- No, padre, más abajo.
- ¿En el seno tal vez?
- Más abajo padre.
- ¿En el vientre será?

- Un poco más abajo padre (Se pone roja de vergüenza)
- ¿Os tocáis por desgracia la...? Sí, padre. (La niña se pone a llorar.) [...] (*La Voz de la Mujer*, 20 fev. 1896, p. 75).

A cena passada entre a menina e o clérigo é colocada sob a forma de diálogo doutrinário, a fim de mexer com as ideias das leitoras e dos leitores, propondo que se coloquem no lugar da adolescente assediada. O clérigo questiona a menina quantas vezes a prática foi realizada, aproveitando para convidá-la a se dirigir até sua cela. O constrangimento do diálogo se estende quando a jovem de 15 anos afirma que não se recorda quantas vezes praticou o exercício da masturbação, deixando claro que era uma prática recorrente. Seguindo o interrogatório, o vigário questiona como uma adolescente tem conhecimento dessas práticas sexuais e a resposta irrita o Padre:

[...] — Sí, padre; no os acordáis cuando yo tenía 10 años vine aquí a confesarme, y vos me habéis preguntado si yo no me ponía los dedos en... esa parte que vos sabéis, y yo os conteste que no sabía hacer eso, y además me habéis dicho que todas las niñas hacían eso, yo que era muy bonito. Entonces a la noche quise probar, y sintiendo placer lo seguí haciendo. [...] (*La Voz de la Mujer*, 20 fev. 1896, p. 76).

A reação do vigário é de revolta, ofendendo a menina de 15 anos com palavras depreciativas, como “Desgraciada”. As preocupações do padre começam a aparecer no diálogo quando a menina é questionada sobre as práticas sexuais com outras meninas e outros meninos, recebendo o clérigo uma resposta negativa da menina: “No padre”. (*La Voz de la Mujer*, 20 fev. 1896, p. 76).

O diálogo transforma-se, então, em um verdadeiro interrogatório sobre as experiências sexuais da menina de 15 anos. Os questionamentos giram em torno das vivências sexuais dessa jovem com um homem, as perguntas aguçam a curiosidade da adolescente que questiona ao padre o que tem os homens; “—¿Padre, qué es eso que vos llamáis...que tienen los hombres?” (*La Voz de la Mujer*, 20 fev. 1896, p. 76). Com a resposta negativa da jovem, o padre diz que os homens têm algo que pode satisfazer a felicidade de qualquer pessoa, despertando mais uma vez a curiosidade da jovem, que aceita a proposta do padre para ir até seus aposentos.

[...] —¿Padre, qué es eso que vos llamáis...que tienen los hombres? — Hija mía, es una cosa con la cual se puede hacer la felicidad de cualquier persona. — ¿Cómo se hace eso padre? — Venid conmigo os enseñaré. (Ya no puesto más) — Os sigo padre. (*La Voz de la Mujer*, 20 fev. 1896, p. 76).

Pouco constrangido, o sacerdote segue se insinuando para a menina, prometendo mostrar a ela a felicidade que os homens dão a todas as pessoas. Dizer que a felicidade do homem pode favorecer todas as pessoas presente em um diálogo sobre os atributos sexuais do homem remete à ideia de que mulheres e homens podem ter uma experiência sexual com o sexo masculino. Evidencia que a opção pela homossexualidade também é pensada pelas libertárias. Ambos estão na cela, onde o

assédio sexual continua, agora com o padre completamente nu diante da menina de 15 anos, atacando-a com ferocidade. A jovem foge, escapando de um estupro.

[...] El padre confesor con los ojos encendidos y fuera de la órbita se desnuda, la niña se avergüenza al verlo como la madre lo echó al mundo; el padre confesor con la baba en la boca se abalanza sobre ella, la niña por instinto de conservación abre la puerta y huye, y nunca jamás se presentó al confesionario ni tampoco va a la iglesia porque se ha convencido de que es una farsa que representan esos infames. (*La Voz de la Mujer*, 20 fev. 1896, p. 76).

A confissão se encerra com a fuga alucinada da menina de 15 anos. O diálogo, mesmo que doutrinal com o intuito de servir de exemplo para as leitoras/leitores, é a descrição de uma confissão que, para os libertários, era um dos meios disponibilizados pela Igreja para exercer seu poder sobre as pessoas, dominando as consciências, além de terem uma questão sexual envolvida (MARTINS, 2006). O periódico *A Lanterna* publicou a definição de confissão para os anarquistas:

a confissão é a base da Igreja romana moderna, é a arma de combate com que o papa com seu exército negro de abutres, domina a mulher, domina o lar, domina a sociedade, domina a nação, domina o mundo. [...] A confissão é inimiga da liberdade social pela tutela que estabelece sobre os membros por parte do clero católico. Ela chega a conhecer os mais secretos pensamentos que o cérebro humano pode gerar, ainda que a esse pensamento se oponha o natural pudor, sentimento inato em qualquer indivíduo da espécie humana. Ela despe a alma humana, roupagem toda, peça por peça e a expõe, inteiramente nua, aos olhos de um indivíduo, em geral mais pervertido do que os miseráveis que se fazem traficantes de carne humana... Ela nulifica a personalidade do pai, o direito do marido, o respeito do filho, colocando acima do pátrio poder, acima do direito marital, acima do afeto do filho, a vontade absoluta, ilegal, imoral e desonesta de um miserável libertino! Ela tira dos braços maternos, em cujo amor puro e consolador se abrigava, a donzela, inocente e casta, atira-a covardemente à depravação e ao vício em nome de Deus e do papa! (*A Lanterna*, 15 out. 1910, p. 2).

No início do século XIX, o clero aconselhou aos seus fiéis que praticassem constantemente o ato da confissão. O intuito era fazer o fiel se confessar, revelando seus pecados ao confessor com vistas à absolvição pelas faltas cometidas, de modo a alcançar o perdão divino por meio da penitência. O medo da morte e, sobretudo, o receio de não entrar no paraíso faziam com que os fiéis buscassem as Igrejas para se confessar quase todas as semanas. E, ao confessar seus erros, recebiam a penitência aplicada pelo sacerdote, na intenção de redimir seus pecados e de conquistar o perdão divino. Ao mesmo tempo, pressupunha-se que os confidentes não cometessem novos erros (VALLADARES, 2000).

O ato da confissão começou a ser renegado pelos anticlericalistas e até mesmo por fiéis menos radicais, que acusavam os vigários de se intrometerem na vida privada das pessoas. No ato da confissão, o indivíduo, principalmente a mulher, revelava seus sentimentos, suas ideias, seus fatos, permitindo que o clérigo se imiscuísse na



intimidade dos lares, das famílias, dos casais, bem como reforçasse o poder religioso que protegia a si mesmo.

Além disso, a confissão acabava sendo uma oportunidade para a concretização de atos libidinosos dos padres com as mulheres, como no caso da menina de 15 anos, e até mesmo com homens, rapazes e meninos. Na confissão, os padres também espionavam as pessoas, muitas vezes denunciando atos que consideravam impróprios às autoridades. A questão da confissão foi uma bandeira muito usada pelos anticlericalistas para respaldar suas campanhas e ideias (VALLADARES, 2000).

Michel Foucault, em sua trilogia *História da Sexualidade*, mais especificamente no volume 1 - a vontade de saber, apontou que o conceito de confissão modificou-se ao longo dos séculos, estando entre os séculos XIX e XX relacionado com uma questão de status e de identidade, passando a ser entendido, agora, como reconhecimento de alguém, de si mesmo e de suas próprias ações.

O ato da confissão foi uma das técnicas desenvolvidas para se produzir a verdade, a verdade do próprio indivíduo consigo mesmo sendo confiada a outro, como o próprio diálogo em que as condutas mais secretas são reveladas ao confessor como um ato de confiança entre as partes.

[...] posteriormente passou a ser autenticado pelo discurso da verdade que era capaz de (ou obrigada a) ter sobre si mesmo. A confissão da verdade se inscreveu no cerne dos procedimentos de individualização pelo poder. Em todo caso, além dos rituais probatórios, das cauções dadas pela autoridade da tradição, além dos testemunhos, e também dos procedimentos científicos de observação e de demonstração, a confissão passou a ser, no Ocidente, uma das técnicas mais altamente valorizada para produzir a verdade. Desde então no tornamos uma sociedade singularmente confessada. [...] (FOUCAULT, 1988, p. 58-59).

Foucault também aponta que o ato da confissão é uma relação de poder entre o confessor e o confidente, argumentando, também, que a confissão é um “ritual de discurso” que visa tirar do confessado a mais pura expressão da verdade e do sexo, na medida em que a verdade e o sexo estão ligados pelo segredo individual. No diálogo apresentado, o confessor tenta tirar da confidente a verdade sobre as suas habilidades sexuais, previamente aprendidas com o próprio confessor, unindo, assim, as práticas sexuais e a verdade caracterizadas como os segredos mais íntimos e individuais.

[...] é na confissão que se ligam a verdade e o sexo, pela expressão obrigatória que se ligam a verdade e o sexo, pela expressão obrigatória e exaustiva de um segredo individual. Mas, aqui é a verdade que serve de suporte ao sexo e às suas manifestações. [...] a confissão é um ritual de discurso onde o sujeito que fala coincide com o sujeito do enunciado; é, também um ritual que se desenrola numa relação de poder, pois não se confessa sem a presença ao menos virtual de um parceiro, que não é simplesmente o interlocutor, mas a instância que requer a confissão, impõe-na, avalia-a e intervém para julgar, punir, perdoar, consolar, reconciliar; um ritual onde a verdade é autenticada pelos obstáculos e as resistências que teve de suprimir para poder manifestar-se; enfim, uma consequência externas, produz em quem a articula modificações intrínsecas:

inocenta-o, resgata-o, purifica-o, livra-o de suas faltas, libera-o, promete-lhe a salvação. [...] (FOUCAULT, 1988, p. 61).

Se analisarmos esse diálogo doutrinal, que compreende a primeira parte do artigo, notamos que a relação do confessor e da confidente é baseada não só na verdade, mas também na obrigação de detalhar todo o ato que está sendo confessado, no caso do diálogo entre o padre e a jovem de 15 anos, o detalhamento de toda a prática da masturbação. Foucault aponta que a confissão sobre as atividades sexuais está relacionada à descrição detalhada de todo fato confessado, em que a mente recria todo o ambiente, os pensamentos e as imagens do momento exato que o ato foi feito.

[...] não se trata somente de dizer o que foi feito — o ato — e como; mas de reconstruir nele e a seu redor, os pensamentos e as obsessões que o 52 acompanham, as imagens, os desejos, as modulações e a qualidade do prazer que o contém. Pela primeira vez, sem dúvida, uma sociedade se inclinou a solicitar e a ouvir a própria confiança dos prazeres individuais. (FOUCAULT, 1988, p. 63).

Após o diálogo, a autora de nome Luisa Violeta apresenta um texto crítico à instituição Igreja Católica, aos seus membros e à sociedade como um todo. No texto, a autora faz um alerta para que outras meninas não sejam vítimas de assédio moral, sexual, ou até mesmo de estupro. O início do texto faz um apelo às famílias, cujos filhos frequentam igrejas ou podem vir a frequentar. Os argumentos para convencer a leitora/leitor a não enviar seus filhos para se confessar são baseados nas experiências da própria Luisa Violeta, que revela, ao fim do diálogo, que a jovem da história, a menina de 15 anos, trata-se dela mesma. A informação é dada por meio de uma nota de rodapé: “(1)Queréis una prueba de que es histórico el hecho que acabo de relatar: Pues bien, el padre confesor vivía en la iglesia de la Piedad y la niña era yo. Luisa Violeta.” (*La Voz de la Mujer*, 20 fev. 1896, p. 76).

Basear-se em experiências próprias anteriores aproxima a autora da leitora/leitor, não só tornando a história mais robusta, mas também criando uma intimidade entre locutor e interlocutor. A criação da intimidade está relacionada com a confiança nas histórias/notícias publicadas no periódico *La Voz de la Mujer*. Os padres são descritos como homens depravados e infames, cujo objetivo era levar as crianças até os confessionários e corrompê-las sexualmente. A descrição possibilita à leitora/leitor a criar uma imagem negativa de todos os clérigos e da própria instituição Igreja Católica. Após a introdução de um clamor às mães e aos pais, a autora aponta que esses casos de assédio sexual e de estupro são comuns e que o abuso sofrido por ela não foi o único. Luisa Violeta descreve o caso de meninas estupradas em uma Igreja em La Plata:

[...] podría narrar muchísimos hechos para demostrar lo que digo, pero creo que vosotros ya lo sabéis, solamente me limitarsé a contar un heco que ha pasado recentemente en La Plata. Una familia mandaba a sus dos hijas, niñas de cortísima edad, a la iglesia de San Ponciano, y el bandido de sotana un día las tomó y las llevó a una celda y allí las violó. Las niñas se encontraban en un estado grave t se

desesperaba de salvarlas, los padres dieron aviso a la policía; no sé si el cura ha sido arrestado. (*La Voz de la Mujer*, 20 fev. 1896, p. 76).

Diante dos casos de abusos que aconteceram e acontecem, a autora faz uma reflexão sobre o papel da própria Igreja e da sociedade no combate a esses assédios e sobre a tomada de posição por parte dessas instituições. Ao mesmo tempo em que reflete e questiona sobre o assunto, Violeta responde às próprias questões levantadas, argumentando que os setores sociais e a Igreja parecem não se importar com a situação vivenciada por muitas meninas.

[...] ¿Qué dice de esto la Voz de la Iglesia? ¿qué dice el clero? ¿qué dice la sociedad burguesa? Pues nada, como si nada hubiera pasado. Padres de familia, alerta contra esos mercadores de carne humana. ¿No veis que el confesionario es le cebo que ponen para atraer a las incautas y sacrificarlas en aras de sus apetitos carnales? Ellos las deshonran y como si no fuera suficiente, le añaden el desprecio y el insulto, ellos que con el cinismo que los caracteriza nos hablan de Dios, de perdón y de tantas otras farsas que ellos han inventado para cometer impunemente sus fechorías. (*La Voz de la Mujer*, 20 fev. 1896, p. 76-77).

Luisa Violeta argumenta que a confissão é usada como armadilha para atrair as meninas para perto dos “abusadores”. A figura do padre é vista como a de um homem cínico, que prega falsamente a palavra de Deus, tentando encobrir a verdadeira face. A autora argumenta, também, que as mães e os pais precisam perceber os sinais dados pelos próprios clérigos, argumentando que esses padres têm ideias e “instintos negros”. Os “instintos negros” são comparados com as vestimentas dos padres, cuja cor é preta. “Padres de familia ¿no veis que sus instintos son más negros que el traje que visten? ¿no veis la máscara de la hipocresía que llevan? no os fiéis nunca de esos bandidos, ladrones y asesinos protegidos por sus Hermanos la Autoridad y el Gobierno” (*La Voz de la Mujer*, 20 fev. 1896, p. 77).

O alerta da autora não se dirige apenas às mães e aos pais, mas também às meninas e como elas devem tomar cuidado para não se deixarem manipular por esses clérigos, demonstrando como funcionam seus poderes de persuasão. O texto não muda de destinatário nesse momento, segue dialogando prioritariamente com as mulheres, com as adolescentes e com as meninas. Os pais são destinatários secundários, ainda que tão importantes quanto.

Violeta alerta para que as meninas não caiam na lúbia desses homens que usam palavras doces e inspiram confiança. A fim de sacramentar a aproximação com as leitoras/leitores, a autora se dá como exemplo, afirmando que existem muitos outros casos graves de assédio por parte de membros da Igreja. Argumenta que os dois exemplos dados deixam bem claro o quão perigoso são esses vigários.

[...] Y vosotras niñas si no queréis ser víctimas de esos asquerosos reptiles, no tratéis nunca con la gente que huele a sotana y evitad la ocasión, no yendo jamás a la iglesia. Con que, así, niñas queridas, alerta, porque os demuestran confianza y cariño, y es para que depositéis la vuestra en ellos y poder así engañaros y haceros víctimas más facilmente. Yo también he sido niña, y podría contaros algunas

escenas más del confesionario y de la iglesia de que han sido víctimas mis compañeras de infancia, pero creo que tendréis suficiente con lo que acabo de relatar. [...] (*La Voz de la Mujer*, 20 fev. 1896, p. 77).

O artigo é concluído com instruções sobre como se emancipar, a emancipação implicaria na desvinculação de qualquer autoridade e, nesse caso, principalmente, a autoridade eclesiástica. Luisa Violeta prega que o estudo das questões sociais que dizem respeito às proletárias e aos proletários é fundamental, ao tomar ciência de sua própria situação entenderiam que somente por meio da Anarquia se poderia chegar à emancipação da humanidade e à libertação das consciências e dos corpos. A futura sociedade Anárquica seria espaço do triunfo da justiça, do progresso e do amor, em que iria vigorar uma Nova Era na humanidade.

Queridas niñas, estudiad bien la cuestión social y os convenceréis que la Anarquía es la única idea verdadera de la emancipación proletaria, en donde desaparecerán todas las injusticias sociales y en donde empezará una nueva era de paz, armonía, libertad, progreso y amor. Cuando os habréis convencido de esta verdad, lucharemos todas unidas para provocar la gran Revolución social, la cual barrerá clero, gobierno, autoridad, capitalismo, códigos, leyes, magistratura y toda esa falange de atorrantes que nada producen y de que todo disfrutan sobre nuestros sudores<sup>39</sup>. (*La Voz de la Mujer*, 20 fev. 1896, p. 77).

Luisa Violeta finaliza o texto convocando todas as mulheres e meninas a lutarem unidas. As meninas são chamadas de “queridas”, deixando mais uma vez explícita a importância de se aproximar da leitora/leitor. As palavras de ordem e de luta são: “Niñas queridas, gritad conmigo: ¡Viva la Revolución social! ¡Viva la Anarquía!” (*La Voz de la Mujer*, 20 fev. 1896, p. 77).

Para os anarquistas, o motivo de tantos casos de abuso e violência sexual estaria no celibato, um princípio contrário à natureza humana; fator que impulsiona tais atitudes criminosas. Os padres, ao serem ordenados, adotavam uma vida de celibatário, uma vida de renúncia; renúncia principalmente do casamento e da vida sexual. Entretanto, mesmo impedidos pelo sistema clerical, padres e freiras mantinham relações sexuais.

O segundo artigo que discute o anticlericalismo no periódico encontra-se no quinto exemplar datado de 15 de maio de 1896. A autoria desse segundo texto intitulado *La inmundada cloaca clerical* também é de Luisa Violeta. Inicialmente, o texto respondia àqueles que, segundo Violeta, duvidaram de seu relato, argumentando que padres possuem boa reputação.

Analisando o texto, podemos perceber que está dividido em três eixos: o primeiro é a resposta da autora aos críticos da primeira publicação no exemplar de número três; no segundo eixo, Luisa interage com os leitores, argumentando sobre a cultura que permite que os abusos e as violências aconteçam; e o terceiro eixo refere-se a uma crítica da autora a um periódico anticlericalista que, embora denunciasse os crimes dos clérigos, não trazia uma solução efetiva para a transgressão clerical.

Na primeira parte do artigo, Violeta publica uma carta destinada às redatoras e leitoras/leitores do *La Voz de la Mujer*, afirmando que, após a publicação de seu relato e

de suas críticas, recebeu muitas cartas de pessoas argumentando que os padres têm morais ilibadas e que o único objetivo daquele texto era prejudicar a reputação dos membros da Igreja Católica.

Compañeras de LA VOZ DE LA MUJER, Salud: Al narrar el atentado (1) de que estuve a punto de ser víctima decía, entre otras cosas, que podía narrar muchos casos análogos de los cuales han sido víctimas algunas de mis compañeras de infancia. Ahora bien, muchos al ler el relato de la Confesión habrán creído que es una farsa inventada por mí para danar la buena reputación de esos no menos buenos señores. [...] (1) Titulado Hecho Histórico, núm.3 de “La Voz de la Mujer”. (*La Voz de la Mujer*, 15 maio 1896, p. 103).

Para comprovar seus relatos e argumentos, a autora afirma que já publicou no periódico anticlericalista *Giordano Bruno* diversas notas, nas quais denunciava as violências que meninas sofriam durante as confissões. Na mesma carta/comunicado que envia às redatoras e leitoras/leitores do *La Voz de la Mujer*, Luisa Violeta reedita a nota que, segundo ela, foi publicada recentemente no periódico anticlerical.

A nota transcrita apresenta vários relatos sobre abusos sexuais por parte de diversos padres de paróquias diferentes; os relatos têm em comum a questão da impunidade, já discutida no texto publicado anteriormente. Padres permanecem impunes com anuência da própria Igreja e da sociedade burguesa, incentivando uma cultura de abusos de jovens meninas. Além da atuação “perversa” dos padres, o texto de Violeta no periódico *Giordano Bruno* relata madres que praticavam abortos e conventos que estabeleceram sistemas de espancamentos de jovens com problemas psicológicos. Diversas denúncias, segundo Luisa, foram oferecidas, mas nada foi feito para impedir os “métodos de cura” praticados pelas madres.

Luisa Violeta interroga suas leitoras e seus leitores sobre o pensamento delas/deles a respeito dos relatos feitos, questionando-as sobre a confiabilidade das notas. Analisando as afirmações feitas no segundo eixo do texto, percebemos que membros da Igreja se defendem acusando e desacreditando todos os que denunciam ou que escrevem contra a instituição. O argumento da Igreja seria que se trata de caluniadores. Esses argumentos refletem quase que uma posição oficial da instituição. Sobre isso, Luisa diz:

[...] Y bien, ¿qué os parece todo esto, compañeras? ¿son falsas por ventura estas cosas? No, porque de lo contrario los señores clericales ya habrían puesto el grito en el cielo, diciendo que los que tal cosa escriben son unos calumniadores, asesinos, apóstatas, y otras tantas lindezas escritas en estilo puramente clerical; ya hubieran gestionado y puesto en movimiento todo el personal de la inmunda cloaca para pedir ante las autoridades el castigo de los culpables. (*La Voz de la Mujer*, 15 maio 1896, p. 104).

Nota-se que a instituição Igreja é chamada por Luisa Violeta de “imunda cloaca”, evidenciando o desprezo e o ódio da autora pela instituição e seus membros. Analisando a palavra cloaca na colocação que a autora empregou, observa-se que a instituição Igreja espera-se sair as piores ideias, as piores doutrinas e forjam os

“perversos” homens (padres) e as “perversas” mulheres (madres) que julgam, violentam e oprimem as mulheres.

A autora discorre, também, sobre a cultura do silêncio promovida pela Igreja a qual permanece até os dias atuais. As vítimas ficam em silêncio e temem falar sobre as acusações feitas, chegando até a negar as mesmas. Luisa Violeta argumenta que essa cultura do silêncio imposta pela instituição é uma posição oficial articulada pelos Papas desde São Pedro. O tom usado no discurso pode parecer exagerado, porém as palavras dramáticas são um caminho para que as leitoras e os leitores formem uma opinião sobre essa cultura, sobre as denúncias. A autora argumenta que formar essa opinião é necessário para a ampliação da questão e para perceberem que existem razões reais para odiar a Igreja e seus membros.

[...] pero no, ellos callan y bien sabrán el porqué, ellos no dicen una palabra sobre los hechos denunciados, ni tan siquiera lo desmienten. ¿Sabéis compañeros que desde el tiempo de San Pedro hasta hoy que ocupa la silla papal León XIII, siempre estuvieron metiendo las manos en el fango? Farmaos una idea ¡oh, mujeres! de todos estos crímenes y muchos más que quedan ignorados, y decidme después si no hay razón para odiarlos. (*La Voz de la Mujer*, 15 maio 1896, p. 104).

O jornal *Giordano Bruno*, sendo da vertente do anticlericalismo, publicou em diversos números pedidos de punição para os clérigos culpados. Mesmo publicando no periódico, Luisa Violeta fez diversas críticas ao método que o jornal usava para, de fato, combater a Igreja e suas atitudes autoritárias. Violeta questiona, inicialmente, os efeitos desses pedidos, argumentando que essas solicitações não podem ser atendidas, pois os membros da Igreja contam com a anuência de superiores para prosseguir com as práticas libidinosas.

Usando uma analogia, a autora tenta explicar que não se pode atacar somente os padres, as madres, ou seja, não se pode individualizar os ataques, mas deve-se atacar toda a instituição. A comparação usada é matar uma formiga que acaba com uma planta, e não eliminar o formigueiro por inteiro.

[...] pues bien, lo mismo sucede con esta cáfila de infames y cobardes; mientras castigemos los efectos y dejemos subsistentes las causas, siempre violarán niñas de diez años de edad, es decir que mientras no destruyamos el hormiguero (léase, iglesias, conventos, etc) será inútil pretender acabar con 58 esas hormigas dañinas (curas, frailes, etcétera).[...] (*La Voz de la Mujer*, 15 maio 1896, p. 104).

Antes de retornar as críticas ao periódico *Giordano Bruno*, Luisa Violeta lista uma série de práticas usadas pela Igreja para punir seus desafetos ao longo de vários séculos. Desafetos como Giordano Bruno, Geronimo de Praga foram queimados por ordens de Papas, além do famoso Galileu Galilei que foi punido com anos de cadeia. No raciocínio da autora, a Igreja utilizou armas para destruir e brutalizar durante décadas, então o único meio de eliminar seus erros e acabar com a instituição e, conseqüentemente, com seus membros, seria usar as mesmas armas para destruí-los e, assim, libertar a sociedade da dominação de mentes e corpos que a Igreja exerce.

[...] pues bien, ¿sabéis cómo lograremos destruilos? Os lo voy a decir: ellos emplearon la hipocresía, el fuego, el puñal y el veneno para apoderarse de los bienes de los unos, sacar a otros de en medio porque les estorbaban; por el fuego, el puñal y el veneno consiguieron embrutecer y aniquilar la Humanidad y sino recordad a Gerónimo de Praga y a Giordano Bruno quemados por orden de la santa madre iglesia, a Galileo preso en inmundas prisiones por la mis ma orden, a Ganganelli (papa), envenenado por orden de los corderales, porque no estaba conforme con sus latrocínios; la matanza de los hugonotes, la noche de San Bartolomé, en Francia, etc., etc.; pues, las armas de que se han valido para aniquilar y embrutecer la Humanidad, empleémoslas nosotros para detruirlos a ellos y para libertar al género humano del ominoso yugo que lo tiene sujeto.[...] (*La Voz de la Mujer*, 15 maio 1896, p. 104-105).

Retornando às críticas ao periódico *Giordano Bruno*, a autora contesta a forma como o semanário conduz as questões das denúncias de violência sexual praticadas por clérigos. Os redatores do jornal, segundo Luisa, não compreendem que precisam destruir a raiz do problema, e não só seus galhos (padres, madres).

Luisa Violeta compara as ideias anticlericais dos libertários com as do periódico *Giordano Bruno*, esclarecendo que são visões antagônicas do mesmo tema. Os anarquistas, segundo Violeta, têm um tom mais radical e as ideias anticlericalistas expostas no semanário *Giordano Bruno* demonstram certa conveniência com a instituição Igreja, ou seja, atacam apenas seus membros que são o feito, e não a causa como um todo.

Os redatores do jornal e seu diretor Manuel Sáenz Cortés não são revolucionários, preferem um embate mais brando, apenas por meio da publicação de denúncias e crônicas. O tipo de anticlericalismo que o periódico pratica aproxima-se do liberalismo.

[...] Los individuos que escriben el diario antes mencionado creo que deben comprender que no se destruyen las causas castigando simplemente los efectos. Ellos comprenden que nada se consigue y si no lo manifiestan públicamente, es porque sería darnos razón a nosotros y no les conviene dar aliento a nuestras avanzadas ideas; es porque saben que para destruir causas y efectos, nuestra divisa es: ¡No más explotación! ¡no más fanatismo! ¡no más gobernantes ni gobernados, ni ricos ni pobres! A ellos no les conviene nada de esto porque les gusta mejor pasar la vida de paseo y en escribir muchos artículos que no tienen más objeto que embrutecer a los incautos que los crean. Pero por desgracia ya se os conoce bien ¡canallas mistificadores! ya no encontraréis terreno propicio para sembrar vuestras falsas ideas. Ya hemos visto lo que es la democracia de la cual mucho hemos esperado y nada conseguimos; ya sabemos por experiencia propia que donde hay autoridad no puede haber libertad y por lo tanto toda clase de gobierno significa opresión, tiranía.[...] (*La Voz de la Mujer*, 15 maio 1896, p. 105-106).

O periódico *Giordano Bruno* defende a separação dos dois poderes principais da sociedade: Igreja e Estado; Violeta argumenta que essa separação não traria nenhum resultado benéfico para a sociedade, sendo apenas um paliativo e até mesmo um empecilho para o alcance da Revolução Social, já que os anarquistas acreditam na

revolução completa e definitiva, eliminando todas as autoridades que representam todo mal da sociedade.

[...] En cuanto a la decantada separación de la Iglesia y del Estado, no es más que vana palabrería, pues ya sabéis que el gobierno y el capital precisan: un fraile que con la cruz embrutezca a las masas, un juez que castigue y un militar que asesine cuando noten síntomas de agitación en el pueblo; es también un dique que pretendéis oponer a las masas populares justamente resentidas contra los asesinos de la Humanidad, son paliativos que queréis aplicar para detener el majestuoso avance de ese gran oleaje que designamos con el nombre de Revolución Social. Pero lo repetimos, os conocemos demasiado para que podáis engañarnos de nuevo, y trataremos de presentaros ante el pueblo, tal como sois, esto es ambiciosos que queréis agarrar la sortén por el mango y deseos de vivir en el dulce for niente. No habláis de separación de la Iglesia y del Estado, de moral administrativa, etc., perfectamente, pero nosotros conscientes de lo que somos y de lo que deseamos, os decimos: no la separación de esas dos calamidades, que representan la una el embrutecimiento y la prostitución y el otro la tiranía, sino la abolición.[...] (*La Voz de la Mujer*, 15 maio 1896, p. 106).

A conclusão do texto se parece muito com a conclusão do primeiro artigo de Luisa Violeta. A autora argumenta que só por meio da Revolução Social é possível construir uma sociedade sem pátria, sem religião, sem burguesia, sem capitalismo, sem juízes, enfim, sem os males da sociedade. A Revolução Social implementará a igualdade entre os povos, as ideias serão pautadas no comunismo-anárquico. As mulheres são incentivadas a continuarem lutando contra a Igreja, os clérigos e as madres, principalmente no período em que a Revolução ainda não acontece.

A autora finaliza o artigo com palavras de ordem e luta: “¡Viva la Anarquía! ¡Viva la emancipación social! ¡Abajo los clericales del mundo entero!” (*La Voz de la Mujer*, 15 maio 1896, p. 106). Nota-se que as redatoras do *La Voz de la Mujer* estão totalmente de acordo com o que está publicado nos dois artigos, em que fica clara a exploração da mulher pela Igreja. O objetivo das libertárias ao expor casos de assédio e abuso sexual seria demonstrar em sua essência o caráter duvidoso e perverso dos membros da Igreja, ajudando a desmoralizar os padres com as denúncias e enfraquecendo o poder da Igreja como uma instituição que pretende guiar as consciências, interferindo nos lares e reprimindo os comportamentos e os desejos femininos.

### 5 Considerações finais

O anticlericalismo militante dos anarquistas pode ser definido como um ato de denúncia contra a Igreja e seus membros. Como um ato de levante contra um dos poderes que oprime a sociedade e, principalmente, as mulheres, há tempos suas maiores vítimas.

A exposição de casos de assédio e abuso sexual seria demonstrar o caráter duvidoso e perverso dos padres, a inércia da Igreja e sua “cultura do silêncio” diante dos crimes sexuais dos clérigos; a omissão da sociedade burguesa, a corrupção ética, as



atitudes hipócritas, contraditórias e imorais. As denúncias tinham como resultado enfraquecer a Igreja como instituição que pretendia guiar (e quase sempre guiava) as consciências, interferindo nos lares e oprimindo as mulheres.

Para conquistar a emancipação, as mulheres deveriam libertar-se dos seus opressores, libertar-se da Igreja e de suas formas imorais de assegurar seu poder, seja no plano público, controlando parte do Estado, seja no plano privado, dominando as consciências das mulheres e, por meio delas, mantendo sob vigilância suas famílias. Deveriam libertar-se de seus confessores, do poder clerical, do sistema católico e da tradição religiosa.

Empenhado em dessacralizar o clero, o periódico *La voz de la mujer* adquiria, assim, uma forte função social, principalmente entre as mulheres, tornando-se não só um veículo de combate, mas também um espaço de catarse às denunciantes e até mesmo as suas leitoras. O papel social do periódico, no que se refere à questão da Igreja, era trabalhar pela emancipação da mulher, degradando a figura do clero para minar sua autoridade diante das consciências femininas alienadas pelos dogmas religiosos.

### **Referências**

#### **Fontes**

*A Lanterna*, São Paulo, 1910.

*El Perseguido*, Buenos Aires, 1895.

*La Voz de la Mujer*, Buenos Aires, 1896-1897.

#### **Bibliografia**

BAKUNIN, Mikhail. *Federalismo, socialismo, antiteologismo*. São Paulo: Cortez, 1988.

BAROJA, Caro. *Introducción a una Historia Contemporánea del Anticlericalismo Español*. Madrid: Editora Istmo, 1980.

FOUCAULT, Michel. *Historia da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1988.

MARTINS, Angela Maria Roberti. *Pelas páginas libertárias. Anarquismo, imagens e representações*. Tese (Doutorado), São Paulo: PUC, 2006.

\_\_\_\_\_; SOUZA, Ingrid S. Ladeira. Anarquismo e Guerra: aspectos das concepções anarquistas sobre o Primeira Guerra Mundial. In: X Semana de História Política: Minorias étnicas, de gênero e religiosas/ VII Seminário Nacional de História: Política, Cultura e Sociedade, nº1, 2015, UERJ- Rio de Janeiro. *Anais da X Semana de História Política: minorias étnicas, de gênero e religiosas*. Rio de Janeiro, UERJ-PPGH, 2015, 3082-3091.

SANTOS, Cristian. *Devotos e Devassos: representação dos Padres e Beatas na Literatura Anticlerical Brasileira*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

SOUZA, Ingrid S. Ladeira. *Ni Dios, Ni Patrón, Ni Marido. O periódico La Voz de la Mujer e a luta das mulheres libertárias na Argentina (1896-1897)*. Monografia, Duque de Caxias, RJ: UNIGRANRIO, 2015.

SURIANO, Juan. *Anarquistas: cultura y política libertaria en Buenos Aires, 1890-1910*. Buenos Aires: Manatíal, 2001.

VALLADARES, Eduardo. *Anarquismo e Anticlericalismo*. São Paulo: Editora Imaginário, 2000.